

A Crise do Sistema

No processo histórico, é necessário que as contradições se desenvolvam para serem resolvidas; a luta — a contradição — enriquece e amadurece: faz avançar o processo. No desenvolvimento do capitalismo brasileiro, até a metade da década dos cinquenta, ficara marcado o seu crescimento quantitativo, em extensão, pelo alastramento das relações capitalistas, inclusive a faixas rurais, pela integração de camadas da população à economia de mercado; a partir de então, começa nova etapa, de crescimento qualitativo, em profundidade, com a acumulação tendo atingido certo nível que permitia passar a nova escala, com o mercado tendo sido ampliado ao máximo, nas limitações que, precisamente, vão levar à crise do sistema. Porque a primeira fase esgotara as possibilidades de crescimento compatíveis com tais limitações: a do latifúndio, estreitando o mercado interno, disputado ainda pelo imperialismo; as deste, fechando o mercado externo, situando-o como inacessível.

Há um momento, no desenvolvimento do processo, que, tornadas agudas as contradições que ele contém, esgotam-se as possibilidades de continuação do sistema — ele entra em crise. Essa crise comporta dois momentos: o momento preparatório, em que a mudança qualitativa fica obscurecida por dados quantitativos de simples crescimento que parecem dar continuidade ao que já está minado, e uma fase de acabamento, quando ficam definidas as linhas do que será, depois, conhecido como “modelo brasileiro de desenvolvimento”. Politicamente, como se sabe, essa passagem se processa em clima de turbulência inédito: em 1954, Vargas é deposto e levado ao suicídio; em 1955, uma tentativa de golpe de Estado é frustrada pela deposição de Café Filho; em 1961, Quadros é levado à renúncia e deflagra-se a crise pela posse de Goulart; em 1964, Goulart é deposto por golpe de Estado. A